A CAPITAL

N.º 5312 — DIARIO REPUBLICANO DA TARDE — 19.º ANNO

Preço 30 centavos | Propriedade e Direcção de MANOEL GUIMARÃES | Telefone — Trindade 22

Escritorios e Oficinas: Rua do Norte, 5 | LISBOA, 25 DE OUTUBRO DE 1920 | Impressão e casa de venda: R. da Atalaia, 114

Este numero de «A Capital» publica-se para atender, principalmente, ás disposições da lei de imprensa em vigor. Desejariamos, evidentemente, reatar o contacto com os nossos leitores, suspenso quasi três anos, em virtude de razões de força maior. Mais dia, menos dia, porem, «A Capital» voltará a publicar-se normalmente.

A NOSSA TERRA

E' certo, e suficientemente está demonstrado, que não temos sabido tirar da terra portuguesa os frutos que ela é susceptivel de dar.

Dispomos de sólo agricultavel, com as melhores condições para se obter nele uma produção abundante; o clima de Portugal é por tal fórma favoravel á agricultura, que vegetam, entre nós, plantas das mais variadas latitudes.

Que nos falta, pois, para termos uma produção agricola que iguale, se não exceda, a de outros países?

Falta-nos, unica e simplesmente, conhecermos os processos pelos quais nesses países se obteem as grandes produções, ou, pelo menos, as produções compensadoras da vida afanosa dos que aplicam a sua actividade ao cultivo da terra.

São numerosos e repetem-se, a cada momento, os indicadores da pequena produção da terra portuguesa.

Ainda agora, apareceu, em Genebra, o «Anuario Estatistico Internacional» de 1928, publicado pela Secção Economica e Financeira da Sociedade das Nações, e nele vêmos, com profunda mágua, que Portugal é, de todos os países da Europa e da America do Norte, aquele que menor quantidade de batatas produz, por hectare.

Efectivamente, produzimos, apenas 53,3 quintais de batatas, o que é menos de metade da média de produção no mundo inteiro, média que se eleva a 108,6 quintais.

Que quere isto dizer?

Quere dizer, por muito que nos custe confessá-lo, que em Portugal se não tem podido, ou, antes, se não tem sabido cultivar devidamente um tuberculo que constitue preciosa base de alimentação do povo e que, por isso, póde ser da maxima utilidade para engrandecer os diversos ramos da actividade nacional.

Na Belgica, a nação-tipo do industrialismo, onde as fabricas e as minas abundam, chega a lavoura a arrancar do sólo 196,6 quintais de batata, por hectare.

Na Inglaterra, onde a industria manufactureira tem assumido intenso grau de prosperidade, obtem-se 151,4 quintais de batatas, por hectare; na Alemanha, a nação que tão energicamente está ressurgindo do cataclismo da Grande Guerra, consegue-se 134,1 quintais; a nossa visinha Espanha leva-nos uma dianteira consideravel, com uma produção de mais do dobro de Portugal, isto é, 117 quintais, por hectare, produção igual á da França.

Até um país cujo territorio, durante grande parte do ano, está coberto de neve, a Noruega, conserva uma produção de 121,2 quintais, por hectare.

E nós apenas 53,3 quintais, por hectare!...

Que dirá quem contemplar o «Anuario Estatistico», que está a correr mundo?

Não poderá dizer senão que Portugal é um país atrazado, que despreza as condições favoraveis do seu sólo e do seu clima, não procurando elevar, á devida altura, a produção de uma substancia vegetal que tanto contribue, em toda a parte, para o equilibrio da alimentação do povo.

E quem assim pensar não será ainda suficientemente severo para comnosco, porque mostrará desconhecer que deixamos ao abandono uma boa parte da terra portuguesa. A percentagem média da terra produtiva, em toda a Europa, é de 75,3 %. A França e a Espanha possuem 80 % de terra produtiva, a Italia 83 %. Excluindo os pousios, a area cultivada, em Portugal, é avaliada em 34,73 % da área total!

Os que nos julgarem simplesmente inconscientes da bondade do nosso sólo e do nosso clima, talvez não saibam que o nosso coeficiente cerealifero é horrivelmente baixo: que temos de importar trigo para conseguirmos pão para seis e mais meses no ano; que nem para a carne que comemos nem para o arroz de que nos alimentamos, nem para o açucar que consumimos deixamos de ser subsidiarios de outras nações, ás quais pedimos que nos matem a fome, sendo certo que poderiamos ter pão nosso, em cada dia; que poderia na cabeça de todos os portugueses abundar o arroz produzido no Portugal continental, ou no Portugal colonial; e que outrotanto poderia ser com o açucar.

Quando chegará o dia em que entre, bem radicada, a convição de que carecemos absolutamente de aproveitar a bondade da nossa terra e do nosso clima, para deixarmos de pedir esmola aos outros e para podermos viver uma vida autonoma que nos nobilite e que nos enriqueça, fazendo assentar a prosperidade de Portugal sôbre um alicerce bem sólido, que é aquele que se firme no aproveitamento da nossa assaz desprezada terra.

Quando!...

DOIS MORTOS DA REPUBLICA

FREITAS RIBEIRO
VASCONCELOS E SÁ

Dois cortejos funebres cortaram este ano as paradas civicas, frementes de entusiasmo, de devoção e de fé, com que o povo comemorou a implantação da Republica.

Uma nota de dôr e de desolação paralisou, nas ruas e nas almas, a alegria popular, festiva, folgazã, de ante-manhã. Dois cidadãos, dois homens que á Republica deram, dedicadamente, o seu coração e o seu braço, foram a enterrar, quasi ao mesmo tempo, exactamente nas horas de fé em que se comemoravam as horas de anciedade e esperança de 1910.

Freitas Ribeiro e Vasconcelos e Sá transitaram para o enigma da morte quasi juntos, embora em vida, cada um trilhasse caminho oposto, mas sempre amando e procurando servir a Republica, determinante das suas atitudes, idolo ideal das suas almas, aspiração das suas inteligencias.

Freitas Ribeiro deixa nas fileiras republicanas uma vaga insubstituivel. A sua combatividade, a sua dedicação, a sua coragem arrastavam-no sempre para as primeiras linhas, com a serenidade impressionante de um cidadão-soldado. Onde quer que se acendesse uma luta, onde quer que se jogasse o prestigio, a magestade das Instituições, lá estavam o seu braço e a sua consciencia, servindo intemeratamente o Ideal que animava e enchia a sua vida.

Freitas Ribeiro cingiu a sua vida aos seus deveres, servindo com lealdade, com denodo, com estoicismo. Dele se pode dizer que foi um vigilante e imperturbavel combatente da Republica.

Dele se pode dizer que soube amar, dignificar e engrandecer a Republica para cuja efigie ideal, por certo, na hora extrema, se colocaram seus olhos cheios de saudade e de fé.

Vasconcelos e Sá, igualmente, ao deixar a vida—de que abalou em plena lucidez de espirito, contando os minutos que o iam aproximando da morte—deve ter guardado na retina moribunda a imagem radiosa que dominou a sua mocidade, que plenamente encheu a sua existencia.

A Republica, deve, em parte, ao seu esforço, á sua coragem, ao seu entusiasmo, o triunfo glorioso que a converteu em realidade politica.

Freitas Ribeiro e Vasconcelos e Sá foram a enterrar por entre as alas do povo republicano, na hora comemorativa da anciedade e da luta de há dezenove anos: que as suas almas ao evolarem-se para o misterio da morte, tenham deixado atraz de si o rastro de fé, de confiança e de pureza ideal.

Hermano Neves

Em cada um destes numeros anuais de *A Capital*, a que a lei obriga para assegurar uma futura normalidade, ha sempre um dobre a finados, uma saudade desfolhando-se punjentemente, numa constatação dolorosa das pégadas da Morte nas nossas fileiras...

Agora foi Hermano Neves que partiu, inesperadamente, quando mais havia a esperar da sua fé, da sua combatividade, do seu talento, da sua constancia, da sua direcção raciocinada, serena, imperturbavel...

Hermano Neves foi-se numa hora cinzenta de angustia, de indecisão, de inquieta e alvoroçada esperança.

Nenhuma circunstancia, nenhuma amisade, nenhum equivoco toldou a sua visão precisa dos acontecimentos: com uma nitidez precisa de facto, o futuro apresentou-se sempre ao seu espirito reduzido á simplicidade matematica de um teorema. Faltava apenas saber desenvolve-lo; faltavo apenas poder desenvolve-lo, com a inteligencia liberta de inimigos, com a sensibilidade afinada pelo ritmo sincero de uma convicção arreigada e precisa, com o braço livre, decidido e certeiro... Hermano não experimentou nunca na sua alma heroica de combatente e doutrinador, o colapso denunciador de uma crise de convicções.

Vimo-lo sempre, aqui nesta casa, onde paira e se alarga tutelarmente a sua sombra, como uma aguia familiar abrindo as azas na comovida intenção de um abraço, cantando sempre a coragem e a confiança, ensinando-nos e insinuando-nos, apesar de tudo, uma atitude de esperança e de fé.

Hermano partiu—e com ele foram decerto a mais bela, refinada, luminosa sensibilidade do reporter moderno, que apreende nos factos o aspacto humano que interessa, comove, desespera, arrebata as multidões; como ninguem Hermano sabia—o podia—transmitir-nos, na sua prosa viva, toda de carne vibrante e sangue em brasa, comunicar-nos a emocionante expressão de um acontecimento. Por isso, no jornalismo da nossa terra, Hermano Neves conquistou, palmo a palmo, um logar de excedivel relevo.

Hermano Neves foi-se com a Morte—talvez enamorado dela, talvez visionando a sua mais bela e inedita reportagem...

Aqui, em *A Capital*, onde paira a sua sombra e onde parece, vindo de muito longe, dobrar o eco da sua voz—fica, imperecivel como a nossa saudade, a lembrança da sua camaradagem nobilissima, da sua fé austera, entusiastica e comunicativa, da sua confiança, da sua esperança toda tocada de adivinhação... E fica também, monumento eterno do seu talento excelso, a sua colaboração de alguns anos, prova real do seu grande, do seu belo, do seu brilhantissimo talento jornalistico.

SÃO ABOLIDOS
os vistos nos passaportes por acordo dos governos português e francês

Os governos português e francez acordaram em que comece a vigorar no dia 15 de Novembro o novo regime de abolição dos vistos consulares e administrativos nos passaportes dos cidadãos portugueses que se dirijam a França e dos cidadãos franceses que venham a Portugal.

Continuam sujeitos ás disposições legais em vigor os passaportes dos nacionais dos dois paízes que se dirijam ás colonias.

FACTOS & PALAVRAS

E' COSTUME dizer-se que as más acções ficam com quem as pratica. Nem sempre é assim. Ha pessoas que, pela sua situação moral, não podem resvalar numa leviandade—de tal maneira as suas palavras, atitudes e acções contendem com a sensibilidade colectiva. Quando a generosidade se desdobra ao extremo de querer tapar a pusilanimidade, a cobardia e a traição, tentando revestir estes sentimentos torpes da claridade deslumbradora de virtudes—converte-se apenas em cumplicidade.

A justiça não pode atender ao depoimento de testemunhas tendenciosas que, para salvar um reprobo, comprometem o prestigio da sua soberania moral, exercendo sobre a criatura uma coacção imoral. A torpeza é sempre torpeza — mesmo quando a encobre a tunica alvinitente de um justo.

PROCLAMAM certos doutrinadores reaccionarios o divorcio inconciliavel entre a Democracia e as camadas novas, desencantados de uma doutrina a que falham todos os elementos de sedução das suas inteligencias sedentas de claridade e de ar puro.

Ora, precisamente, a aceitação dos principios democraticos implica uma atitude de virilidade, de independencia, de integra, sadia e pujante vida moral; uma posição mascula, apoiada, no equilibrio da vida colectiva

Ao contrario, pois, a mocidade actual, desempoeirada e viril, ama a Democracia—amando nela a garantia eficaz dos seus direitos e o direito intangivel da sua prosperidade.

SAIU ha dias um numero de *A Luta*, o velho jornal republicano que o sr. Brito Camacho dirigiu e dirige ainda. Colaboração muito uniforme: varios ajustes de contas do sr. Brito Camacho com alguns devedores antigos e uma ou outra piada a proposito de factos da vida estrangeira. Um artigo de fundo dando-nos detalhes secundarios da preparação revolucionaria e um conto—*Dois bois*.

A *en-tête* com um alto valor politico, por esta afirmação textual que contem: *Nos erros cometidos, uns mais outros menos, temos todos um quinhão de responsabilidade, que deve solidarisar-nos no empenho de os corrigirmos, em nome dos altos interesses nacionais.*

E' forçoso salientar a oportunidade e o alcance desta atitude de penitencia do sr. Brito Camacho. Com menos sacrificio, muitos outros poderiam igualmente bater no peito e confessar-se — fazendo, é claro, o proposito honesto de não reincidir.

E' INCONTESTAVEL que os «sovieta» preparam uma dupla ofensiva sobre o mundo, anciosos de desencadear por toda a parte a felicidade que a revolução de 1917 implantou na Russia.

Lunatcharsky, ministro da Instrução da União dos Republicas Socialistas Sovieticas foi demitido e o seu sucessor, cujo nome complicado a pena não atina a reproduzir fielmente, determinou, de acordo com o seu colega da guerra, a obrigatoriedade de duas horas diarias de instrução militar para todos os alunos, masculinos e femininos, das escolas primarias. Os alunos das escolas secundarias e tecnicas terão já uma instrução guerreira mais larga e complexa, assim como uma vida de quartel que os habilite aos rigores da campanha. Por outro lado, foi criada pelo novo ministro da instrução uma escola superior destinada á formação de propagandistas, os quais, terminados os respectivos cursos irradiarão pelo mundo fora, não a prégar as excelencias do paraiso bolchevista, mas a destacar e patentear os horrores dos regimens burgueses.

Não conseguindo europeisar o bolchevismo, dando-lhe uma expressão serena de ordenação — o governo de Moscou prepara-se para bolchevisar a Europa, dominando-a espiritualmente pela anarquia mental e militarmente pela desordem semeada pelas suas hordas vermelhas.

Visado pela Comissão de Censura.

OS CONTOS DE A CAPITAL

Verdadeira historia

Um grande vento sibilava lá fóra, vento do outono bramante e galopante, um destes ventos que matam as ultimas folhas e as elevam até ás nuvens.

Os caçadores acabavam de jantar, ainda calçados, corados, animados, iluminados.

Eram desses semi-fidalgos normandos, semi-morgados, semi-lavradores, ricos e vigorosos, talhados para partir os paus aos bois quando os agarram nas feiras.

Tinham caçado todo o dia nas terras do senhor Bandel, o *maire* d'Esparville, e comiam nesse momento ao redor da mesa, na especie de herdade-solar de que era proprietario o seu hospede.

Não falavam, urravam; não riam, rugiam como feras; e a respeito de beber, bebiam como cisternas. Conservavam as pernas estendidas, os cotovelos sobre a toalha, os olhos luzentes sob a chama das lampadas, aquecidos por uma fogueira enorme que elgava para o tecto chamas sanguinolentas, conversavam de caça e de cães. Mas estavam, á hora a que outras ideas acodem aos homens, semi-bebedos, e seguindo todos com o olhar uma rapariga forte e de faces rechonchudas, que trazia nas mãos de pulsos vermelhentos grandes pratos de comida. De repente, um diabo alma qualquer que dera em veterinario depois de haver estudado para padre, e que tratava de todas as bestas da freguesia, o senhor Séjour, exclamou:

—Com mil diabos, mestre Blondel, você tem cá uma pecega que não é nada peca!...

Uma gargalhada retinido soou. Então um velho fidalgo arruinado, decaido no alcoolismo, o senhor Varnetot, elevou a voz.

—Comigo deu-se em tempos uma historia muito divertida com uma rapariga deste genero! Oiçam, que eu vou contar.

Vez nenhuma penso nesse caso, que ele me não traga á lembrança a minha cadela Mirzo, que vendi ao conde d'Haussonel, e que voltava todos os dias, assim que a soltavam, a ver-me, tanto lhe era impossivel deixar-me. Por fim, enfastiei-me e pedi ao conde que a conservasse presa. Sabem o que fez, o animal? Morreu de paixão.

Mas, tornando ao caso da creada, vamos á historia.

—Tinha eu então vinte e cinco anos e vivia como rapaz, no meu castelo do Vilebon.

Sabem que quando se é rapaz, se tem alguma cousa de seu e se embrutece todas as noites depois do jantar, olha-se para todos os lados. Não tardei em reparar numa raparga que estava a servir em casa de Déboultot de Cauville. Tu conheceste bem Déboultot, ó Blondel!

A poucos passos enfeitiçou-me de tal forma, a marota, que eu fui um dia procurar o seu patrão e propuz-lhe um negocio. Ele ceder-me-ia a sua creada e eu vender-lhe-ia a minha egua preta, Cocote, de que ele tinha desejos havia muitos anos. Ele estendeu-me a mão: «Toque, senhor de Varnetot». Estava o negocio concluido; a rapariguita veiu para o castelo e eu proprio conduzi a Cauville a minha egua, que larguei por trezentos escudos.

Nos primeiros tempos, foi uma beleza. Ninguem dava por coisa nenhuma; simplesmente Rosa amava-me mais do que seria para desejar. A pequena não era lá qualquer coisa. Devia ter qualquer cousa de pouco comum nas veias. Aquilo descendia, de qualquer maneira, de alguma raparigo que tivesse pecado com o seu patrão...

Dentro em pouco, adorava-me... Não faltavam afagos, meiguices, nomesinhos caninos, uma porção de gentilezas por forma a motivarem-me reflexões.

Eu dizia:

«E' preciso que isto não dure muito, senão fico preso!»

Mas a mim não se prende facilmente. Não sou daqueles que se deixam engrolar com beijos.

Emfim, eu era fino. De repente ela anunciou-me que estava gravida.

Uf! com mil bambas! Foi como se me tivessem dado dois tiros de espingarda no peito.

Ela beijava-me, beijava-me, ria, dançava, estava louca de alegria!

Eu não disse nada no primeiro dia, mas, á noite, raciocinei. Pensava: «E' preciso aparar o golpe e cortar o fio a tempo».

Como devem compreender, aquilo não me convinha. Tinha meu pae e minha mãe em Barnoville, 'a minha irmã casada com o marquez d'Yspare, em Rollebec, a duas leguas de Villebon. Não era nenhuma brincadeira.

Mas como sahir do apuro?

Se ela deixasse a casa, desconfiariam de qualquer cousa e daria que falar. Se a conservasse, dentro em pouco veriam o que havia, e, alem disso eu não a podia deixar.

Falei a meu tio, o barão de Creteuil, um velho magico que conhecera mais de um caso como o meu e pedi-lhe a sua opinião. Ele respondeu-me tranquilamente:

—«E' preciso casa-la imediatamente, meu rapaz».

Eu dei um pulo.

—«Casal-a... meu tio... mas com quem?...»

Ele encolheu suavemente os ombros:

—«Com quem quizeres, meu rapaz. O caso é comtigo e não comigo... Quando a gente não é parvo encontra sempre».

Reflecti uns bons oito dias naquelas palavras, e acabei por dizer de mim para mim:

—«Meu tio tem razão».

Então comecei a dar tratos á imaginação e a procurar... quando uma noute, o juiz de paz, com quem eu acabava de jantar, me disse:

—«O filho de Paumelle acaba de fazer uma asneira... acabará mal o rapaz... E' bem certo que filho de peixe sabe nadar...»

Aquela Paumelle era uma velha finorie, cuja mocidade tinha deixado muito a desejar.

Por um escudo, teria aquela mulher vendido certamente a sua alma, e teria dado ainda por cima a farpela...

Fui procural-o, e com muito geitinho, dei-lhe parte do caso.

Como eu me embaraçasse nas minhas explicações, ela perguntou-me de repente:

—«Mas o que é que o senhor doria á pequena?...»

Era maldosa, a velha, mas eu, não sou tolo, tinha estudado convenientemente o meu negocio.

Possuia justamente três pedaços de terra perdidos perto de Sasseville, que dependiam das minhas três herdades do Villebon.

Os quinteiros queixavam-se sempre de que ficavam longe. Não tardou que eu tomasse esses três campos, seis ares ao todo, e, como os camponezes chiassem, devolvi-lhes no fim da escritura tudo quanto houvessem a pagar-me de fôro em galinhas. Deste modo a cousa passou.

Então, depois de ter comprado um pedaço de terra numa encosta do meu visinho, o senhor de Aumonte, mandei construir ali um casebre, que me custou apenas, com terra e tudo, quinhentos francos. Desta maneira eu acabara de constituir uns pequenos bens que não me haviam custado cousa de maior o que dava em dote á rapariga.

A velha exclamou:

—«Isso não é o bastante».

Mas eu fiquei-me na minha e separámo-nos sem chegar a qualquer conclusão.

No dia seguinte, logo ao romper da alvorada, o rapaz veio procurar-me. Eu não me lembrava absolutamente nada do seu rosto.

Quando o vi, certifiquei-me: era uma qualidade de camponez que era mau, mas tinha ares de um grande e refinadissimo patife.

Tratou da cousa por alto, como se viesse ajustar uma vaca.

Quando ambos chegámos ao acordo, quiz ver os bens, e partimos para o campo.

O maroto fez-me estar três horas nas terras; ele media-as, remedia-as, agarrava em torrões que esborrava nas mãos, como se tivesse medo de ser enganado no negocio...

Como o casebre não estivesse ainda coberto, exigiu ardosia em vez de colmo para o telhado.

Depois disse-me:

—«Mas o mobiliario é o senhor que dá».

Eu protestei:

—«Não; bem basta que lhe dê a herdade...»

Ele riu ironico:

—«Bem sei... uma herdade... e um menino...»

Eu corei, embora contra minha vontade.

Ele continuou:

—«Vamos cá... o senhor sempre dará a cama, uma mesa, um armario, três cadeiras e a louça... ou então não temos nada arranjado.

Aceitei.

E ahi nos veem agora de volta... Ele não tinha trocado uma palavra com a rapariga.

Mas... de repente, perguntou com ar velhaco e contrafeito:

—«Mas se ela morrer, a quem caberão esses bens?...»

Eu respondi:

—«Naturalmente ao senhor».

Era tudo o que ele queria saber desde que chegara. De repente, estendeu-me a mão num movimento satisfeito. Estava-mos de acordo.

Oh! mas eu tive uma dificuldade em convencer Rosa. Ela rojava-se a meus pés, soluçava e repetia:

—«E' o senhor quem me propõe uma cousa dessas!... O senhor!... O senhor!...»

Durante mais de uma semana Rosa resistiu, apesar dos meus raciocinios e das minhas suplicas.

E' estupido isto das mulheres, uma vez que se lhes meteu na cabeça o amor, não percebem nada.

Não ha sabedoria que vença, o amor antes de tudo e sobre tudo!

Por fim, enfadei-me e ameacei-a de a pôr na rua.

Então ela cedeu pouco a pouco com a condição de que eu lhe prometeria ir visital-a de tempos a tempos.

Eu proprio a conduzi ao altar, paguei a ceremonia, e ofereci o jantar de bôdas. Tratei de tudo, emfim. Depois:

«Boa noite... meus meninos!...»

Eu ia passar seis mezes a casa de meu irmão em Turaine.

Quando regressei, soube que ela viera, todas as semanas, ao castelo, procurar-me. E ainda não passara uma hora que eu chegara quando a vi entrar com um pequerrucho nos braços.

Pois não sei se lhes diga que me causou um certo abalo o ver o pequerucho! Cheguei mesmo a beijal-o...

Quanto á mãe, uma ruina, um esqueleto, uma sombra. Magra, envelhecida.

(Conclue na 2.ª pagina)

O PATRIARCADO

QUEM SERÁ O SUCESSOR — DE — D. ANTONIO I?

A morte recente do patriarca de Lisboa, D. Antonio Mendes Belo, trouxe ás fileiras clericais do nosso País uma certa perturbação.

De ha muito se esperava essa vaga notavel no episcopado português, de ha muito os devotos da Igreja calculavam, na intimidade indiscreta dos seus botões, quem poderia vir a ser o sucessor de D. Antonio I, Chefe da Igreja Lusitana por graça de uma habilidosa intriga politico-palaciana.

D. Antonio Mendes Belo, arcebispo-bispo do Algarve até meados de 1910, ascendeu á dignidade de Patriarca de Lisboa—posto de comunicação com o Sacro Colegio—por motivos que a historia do nosso tempo não quiz ainda indagar. Sucedia a D. José I — aquele humilde fradinho algarvio, pregador de bucolicas descoloridas—pois ascendera do pastoreio de uma freguezia sertaneja ao bispado efectivo de Angola e, depois, ao arcebispado titular de Mitylene.

Em D. José Sebastião Neto, evidentemente, não concorriam os necessarios requisitos para saltar, da efectividade de uma diocese colonial á chefia da Igreja Lusitana—e ao cardinalato; mas as circunstancias politicas desse momento e o regimen de concordata, embora não justifiquem nem expliquem esse salto mortal do padre Neto, são, no entanto, uma razão—aquela razão normalmente eliminatoria, convertida em razão electiva.

Pelos mesmos motivos que o levaram ao patriarcado de Lisboa e ao Sacro Colegio, o patriarca D. José Neto regressou a um convento franciscano, na solidão augusta de uma serra galega onde a morte o colheu humildemente.

Veio então para o patriarcado D. Antonio Mendes Belo—um prelado cuja virtude primacial consistia em ser sumamente discreto, nas afirmações da inteligencia como nas manifestações da bondade.

Veio—e passou, em quasi vinte anos de *munus* pastoral do patriarcado como uma sombra subtil, imponderavel, irreal, cuja presença as rubras vestes cardinalicias acusava ás vezes...

A morte de D. Antonio Mendes Belo, apesar de tudo, foi um acontecimento—um pretexto.

Nos arraiais catolicos, de um zelo apostolico cuja violenta exteriorisação contrasta com a sinceridade interior, nota-se uma aspiração impressionante, que germinou nas proximidades do leito mortuario do falecido cardeal patriarca. E pergunta-se quem será o seu sucessor.

E' verdade... Quem será?

Em volta dos metropolitanos de Evora e Braga e do metropolitano titular de Mitylena, cada grupo, cada confraria, cada irmandade—todos procurando abafar, com o murmurio das resas o *brohaha* das azedas discussões politicas—levanta a sua bandeirola e busca arregimentar as suas influencias. Dir-se-ha que um dos três virá a cingir a mitra patriarcal, empunhando a cruz bi-braçal. Talvez...

Mas a Curia, orientada em relação aos objectivos das correntes aparentemente dominantes no campo catolico português, tomou já, por certo, as suas precauções e fixou as suas vistas.

No tempo da monarquia, as intrigas palacianas poderam elevar ao solio patriarcal, sucessivamente, dois descoloridos prelados sem meios, com todos os prejuizos de uma educação e de uma mentalidade inadaptaveis; hoje, Roma atenderá a razões diversas, a requisitos de outra ordem, que lhe assegurem, ou pelo menos pareçam assegurar, a eficacia de uma politica ensaiada com sacrificio, mas de que resultem frutos evidentes. Roma não quererá... dos numa ven...

LITERATURA

UMA POETISA

E

DOIS NOVELISTAS

Uma novela de Boavida Portugal e outra de Duarte Lopes; versos de D. Regina C. Bensabat

Circunstancias excecionais envolveram em silencio a pena dextra de Boavida Portugal — uma pena a que são familiares todos os assuntos e que se compraz em abrir as curvas apertadas de uma critica acerba e profunda, de uma analise viva, inedita, consciencioss. Boavida Portugal fez a sua forma como critico e ensaista. Interessara sempre ao seu espirito, tanto os problemas politicos, em cujo estudo o seu saber e a sua experiencia se afirmam decididamente, como as questões literarias e artisticas, em que a sua cultura demonstra habitualmente ensejo de "hos proporcionar uma lição proveitosa e sem pretenções.

E', na verdade, atravez dos seus numerosos ensaios e em que uma intenção de purismo literario transluz sempre, elegantemente, que o grande publico conhece Boavida Portugal. A sua estrutura mental e psicologica de politico moderno cede, habitualmente, á necessidade de desfibrar um problema, enquadrando-o nas limitações do nosso ambiente, das nossas necessidades e das nossas conveniencias. Boavida Portugal, porem, entendeu guardar para uma oportunidade mais flagrante o produto dos seus estudos, dos seus raciocinios e das suas experiencias — da sua analise sempre atenta aos factos sociais. E, escravo da paixão literaria, que informa e caracteriza toda a sua obra politica, escreveu uma novela, recentemente publicada numa sobria e elegante edição.

Chama-se a novela «Paraiso Perdido» e estuda um caso de amor. E' curioso acentuar — nos politicos estrangeiros, porque, só excepcionalmente, os nossos homens publicos se prendem com estas bagatelas — a tendencia dominante nos condutores e reformadores de povos, para o estudo, nos periodos de ostracismo ou de silencio, de problemas que supunhamos inteiramente adversos á sua psicologia e hostis á sua sensibilidade. Boavida Portugal, talvez para nos dar a medida exacta do seu talento, transitou dos problemas áridos da economia e da politica, para a delicadeza subtil, para o irisado ambiente de uma paixão amorosa — tocando, tratando com uma pericia, com um á-vontade, com uma segurança que nos levam a exigir-lhe mais novelas, — um assunto sentimental em que o vemos dominar como um mestre. Na sua novela, Boavida Portugal desdobra-nos, com a perfeição de um *metteur-en-scène*, os fenajamentos caprichosos dos grandes scenarios da natureza, em que a verdade e sobriedade das cores egualam o vigor e a harmonia dos planos; abre-nos delicadamente, revelando-nos as suas preocupações, as suas curvas dominantes, as suas directrizes, as almas dos personagens — precisos e exatos como simbolos. Desvenda-nos, enfim, os mil problemas mal enunciados no sorriso de uma mulhèr ou no gesto masculo ou sentimental de um homem.

A sua novela, o «Paraiso Perdido», não podia ser senão o que é: uma novela de analise, o registo cuidado de mil observações sentimentais de um espectador atento, fleugmatico, generoso, que prefere disfarçar a crueza da verdade na amabilidade sorridente das meias tintas.

Se em Portugal houvesse um publico literario, o livro de Boavida Portugal, por todos os motivos, seria um grande exito.

* * *

A literatura neo-cristã da *post-guerre* de que Manuel Ribeiro é, entre nós, o representante mais alto e definitivo, o interprete vibrante, sincero, que melhor soube apropriar a formula e o processo estrangeiros, não tem encontrado um terreno proprio á sua expansão. A'parte o autor erudito da «Catedral», que adquiriu já uma feição literaria propria, poucos — sobretudo nas gerações ainda não consagradas — teem usado literariamente o processo de Manuel Ribeiro, o que pode significar que o renascimento religioso não se repercutiu no nosso País. Manuel Ribeiro, em todo o caso, não abandonou a senda mistica, encaminhada no sentido purificante do ceu, em que ascendem as suas tentativas literarias das duas trilogias religiosas — uma completa já e a outra a caminho do termo.

Em Duarte Lopes parece ter-se produzido o fenomeno espiritual que arrebatara Manuel Ribeiro das hostes vermelhas para o ambiente contemplativo com que lhe foi possivel conceber e construir «A Catedral», «O Deserto», «A Ressurreição», «A Colina Inspirada» e «A Planicie Heroica» — estes dois livros pertencentes á trilogia patriotica nacionalista, para que evolucionou o antigo director da «Bandeira Vermelha».

Duarte Lopes começou com o «Frei Sangue» — uma novela de acção revolucionaria descrevendo um scenario de mistico contemplativismo, dando-nos a impressão de querer ressuscitar, na luta social contemporanea, as cruzadas medievais adaptadas ao nosso ambiente — tendo publicado depois a «Santa Rosa do Ermo», vasada no mesmo processo mistico, sem todavia o caracterizar a preocupação de combatividade. Ultimamente deu-nos «O Eterno Simbolo» — observando-se no pensamento de que brotou, a mesma ideia dominante no seu espirito, de criar um estudo espiritual de acção e combatividade.

O «Eterno Simbolo» trata o problema de uma conversão, por um processo psicologico elaborado e conduzido num sentido diverso daquele que poderia observar-se no autor. Isso prova-nos que Duarte Lopes possui admiraveis qualidades de observação e um poder de fixação literaria dos fenomenos da alma de que resulta o exito dos seus livros e, sobretudo, de «O Eterno Simbolo», que representa, para Duarte Lopes, um passo definitivo no caminho das letras.

* * *

«Alvorecer» é um livro de claridade matinal, delicado, como se um toque fino, purissimo, de rosa e oiro o iluminasse indecisamente; é um livro inquieto, repassado de anciedade e doçura, confiante numa realidade ainda não recortada no traço vigoroso da manhã plena; é um livro de primavera, em cujas estrofes se adivinha a palpitação da vida — atravez o ritmo ingenuo de uma sensibilidade ainda infantil.

«Alvorecer» é um livro de versos, de que é autora *mademoiselle* Regina Cardoso Bensabat e que o capitão Augusto Casimiro prefaciou, com umas paginas admiraveis, daquela factura inegualavel, faiscante, de raro recorte e de uma elegancia suprema, que a sua pena excelsa se compraz em proporcionar-nos. A jovem e delidada poetisa que o ilustre poeta nos apresenta, com a emoção comunicativa do seu prefacio, merece, na verdade, que a reverenciemos sinceramente. A poesia feminina, entre nós, raramente ostenta um valor, uma afirmação iniludivel de real talento, uma esperança, ao menos, que o futuro venha a revestir da aureola legitima de uma justa consagração. Em regra abundam os adjectivos e falham lamentavelmente os motivos determinantes das referencias laudatorias. Neste caso de *mademoiselle* Regina Cardoso Bensabat, os encomios entusiasticos não são mais que uma necessaria afirmação de justiça.

«Alvorecer» é um poema de simplicidade, de ternura, da ancia infantil, de deslumbramento de uma alma tocada de resplandescente ingenuidade, perante a magnificencia maravilhosa da proximidade da Vida plena. *Mademoiselle* Regina Bensabat canta, num estro delicado, limpido e sincero, de uma harmonia candida em que a nossa alma se eleva docemente, esse momento de inexplicavel transição em que a alma da criança subitamente desperta, vibrando a um ritmo diferente — ao ritmo anciado das grandes aspirações. O seu livro, cuja venda se destina generosamente, ao cofre da Junta Patriotica do Norte, para minorar a sorte dos orfãos da Grande Guerra, está destinado a um grande exito — um exito, afinal, justificado e compensador.

A MORTE — DE — STRESMANN

A morte do sr. Stresmann abre na «élite» governativa alemã e no indice dos valores politicos da Europa uma brecha funda, irreparavel.

A sua perda, inesperada, absolutamente desnorteante, representa a fuga tragica de um dos mais solidos e sinceros elementos da pacificação da Europa. A Alemanha dificilmente encontrará outro governante seu capaz de conquistar, como o conseguiu Stresmann, a confiança e o respeito dos Aliados.

A lealdade impertubavel de Stresmann, grande politico e subtil diplomata, integrado consciente e nobremente na obra de paz que todas as nações almejam, grangeou-lhe as simpatias decididas dos homens de Estado das nações inimigas de ontem. A paz, cimentada embora sobre os prejuizos nacionais, ia deixando de ser uma miragem: o prestigio de Stresmann, dava-lhe garantias de possibilidade e firmeza.

A Alemanha perdeu um dos seus maiores politicos; mas para a obra da paz europeia, perdeu-se um dos mais decididos e eficazes obreiros. A acção leal e dedicada de Stresmann faz-nos esquecer um pouco os horrores da guerra que a Alemanda desencadeou.

VERDADEIRA HISTORIA

(Continuação da 1.ª pagina)

Apre! que o casamento não lhe tinha feito bem nenhum!...

Perguntei-lhe á queima roupa:

— «E's feliz?...»

Então ela poz-se a chorar como uma cascata, com arrancos, soluços, e gritava:

— «Eu não posso, não posso mais passar sem ti. Antes quero morrer, não posso!»

E fazia um sarrabulho dos diabos. Consolei-a conforme pude e reconduzi-a á barreira.

Soube com efeito que o marido lhe batia, e que a sogra, uma bela coruja, lhe fazia amargar a vida.

Dois dias depois ela tornava... E tomou-me os braços, rolando-se por terra:

— «Mata-me, mas não me faças voltar para lá.»

Perfeitamente o mesmo que teria dito Mirza se houvesse falado.

Toda aquela historia principiava a maçar-me, e ausentei-me por mais seis mezes.

Quando regressei... Quando regressei, soube que ela morrera três semanas antes, depois de ter vindo ao castelo todos os domingos... sempre como Mirza. A creança morrera tambem, oito dias depois da mãe.

Quanto ao marido, o fiel patife, herdara. Depois disso teve sorte, ao que pareceu, pois actualmente é vereador.

Depois, o senhor de Varnetot acrescentou rindo:

— «Em todo o caso, fui eu que lhe fiz a fortuna, áquele méco!...»

E o senhor Séjour, o veterinario, concluiu com gravidade, levando á boca um copo de aguardente:

— «Como quizer, meu caro, mas... dessas mulheres poucas!»

TEATROS

As falsas razões da crise de Teatro

Insiste-se em fundamentar a decadencia do Teatro na preferencia do publico pelo cinema que, entre nós, afinal, nem chega a aproximar-se da claridade denunciadora de uma arte de criação. Nos paises, como a Alemanha, a França, a Italia, onde o cinema alcançou ha muito o zenith deslumbrante da nova Arte em plena florescencia, o Teatro não deixa de ostentar, magnificentemente, todas as caracteristicas que, desde Talma, lhe asseguraram na Europa o predominio deslumbrante de uma Arte viva, criadora, pujante — dispondo de todos os elementos complexos inerentes á sua estructura e ao seu objectivo.

Se em qualquer desses paises não é facil descobrir, no triunfo do cinema, sintomas demonstrativos da decadencia do Teatro, visto cada uma das duas artes ter perfeitamente demarcada a sua essencia, a sua tecnica, o seu ambito, caminhando em sentidos opostos, por caminhos inconfundiveis, como admitir que o fenomeno da crise teatral possa derivar, no nosso País, do desenvolvimento do gosto do publico pelo Cinema?

Necessariamente, é forçoso buscar noutras razões o fundamento da crise que, ousamos afirmá-lo, não provem da preferencia do publico pela cinematografia. E' evidente que o desenvolvimento do Cinema, entre nós, concorreu para o despovoamento dos teatros e, portanto, para a acumulação de dificuldades sobre as emprezas, ha muito sobrecarregadas com encargos pesadissimos, entre os quais avultam os cachets incompreensiveis de certos artistas e as obrigações intoleraveis dos cativos de todos os emprezarios encartados.

Se, porém, e apesar de tudo isso, as empresas exploradoras, cedendo menos aos impulsos de uma inconcebivel vaidade artistica, procurassem assegurar o exito dos seus repertorios com elencos constituidos inteligentemente, sobre uma base severa de utilização rigorosa de valores scenicos, indipendentemente de quaisquer laços de parentesco; se elegessem as peças a representar resistindo a sugestões e interesses a que, no fim de contas, não chega a corresponder nenhuma realidade, porque o publico sabe resistir ao engodo do reclame e já não corre ás afirmações tendenciosas dos reclamistas disfarçados em criticos; se, enfim, fosse possivel restabelecer no teatro uma nobre e severa austeridade artistica, tendo em vista, sobretudo, fazer teatro e reconquistar o público, impondo-lhe a verdade, a crise de teatro seria, simplesmente, um episodio, uma recordação, um detalhe circunscrito nos dominios da historia. E ver-se-ia, afinal, que a influencia do cinema não era afinal, tão dominadora e absorvente, pois que o publico acorreria a dar o seu aplauso e a sua cooperação a todas as afirmações honestas de arte, a todas as tentativas tendentes a reconduzir o teatro ao seu prestigio e á sua grandeza.

A crise do Teatro, reconheçamos a verdade, não passa, afinal, de uma crise momentanea de artistas e de processos artisticos. O resto são pretextos, disfarces e desculpas, — scenografia, camouflage, de que a realidade, no fim de contas, sempre consegue transparecer.

X

Quando reaparecerá Mary Focela?

Mary Focela

Rubra flor de mocidade andaluza, inquieta, sedutora, artista de graça e de bulicio, Mary Focela surgiu uma noite — já lá vão alguns anos — num palco formoso de Lisboa. Surgiu e encantou. Conquistou uma corte de admiradores e, logo, um trono. A sua graça, a sua alegria, a sua arte, maravilhosa afirmação de mocidade, estuante e calida como uma irradiação viva de sol, impoz Mary Focela á admiração do publico lisboeta. A artista, porem, conquistou o publico — e desapareceu.

Ha um ano voltou — e o seu imperio, porque era uma construção viva de corações entusiasticos, subsistia. A arte de Mary Focela, toda tocada daquela beleza ardente de que a Espanha meridional guarda sofregamente o segredo, dominou, numa comoção irresistivel, o publico da capital, como se uma onda de perfume de cravos vermelhos de Sevilha, irradiasse da garganta prodigiosa de Mary Focela.

E Mary Focela calou-se outra vez — depois de nos deixar nos ouvidos a sua alma, o ritmo seductor, maravilhoso, como um canto de sereia morrendo no coração de um buzio, da sua voz e das suas canções...

Mary Focela tem, entre nós, um prestigio solido de artista consumada: Mary Focela vive presentemente entre nós... Mary Focela reaparecerá esta epoca?

O processo de Mary Dugan

Tem feito com o maior sucesso o giro da Europa e America, a peça famosa e admiravel que o ilustre dramaturgo Victoriano Braga traduziu para a Companhia Ester Leão — Alexandre de Azevedo, concessionaria actual do Almeida Garrett.

A peça foi um verdadeiro acontecimento — um acontecimento de duplo significado, que nos apraz registar: um exito artistico inegualavel e um exito de bilheteira de que quasi não ha memoria.

Deu 66 representações seguidas *O Processo de Mary Dugan* e fala-se já na sua reposição breve, o que quer dizer que subsistem as suas possibilidades.

Daqui queremos concluir que, no fim de contas, a tão falada crise de teatro português, não é mais afinal, que uma crise de teatros... e de companhias.

Quando preside á eleição das peças o criterio inteligente de procurar os melhores, escolhendo artistas capazes de arcar com as responsabilidades de uma interpretação homogenea e brilhante, de modo a atender sómente ás exigencias do conjunto e ás dificuldades da acção, o exito é inevitavel. O triunfo, ainda subsistente, de *O Processo de Mary Dugan*, demonstra-o sobejamente. Oxalá a lição aproveite.

Os projectos do emprezario sr. José Loureiro

Lemos nos jornais que o empresario sr. José Loureiro dirigirá, na epoca que se aproxima, certamente em consequencia de uma real cooperação financeira com as respectivas empresas, nada menos que cinco teatros da capital com alta comedia, farsa, opereta, revista, etc. Os generos estão já claramente estabelecidos e os elencos, porem, organizados convenientemente — em inteira harmonia com as exigencias de cada género. De peças pouco se sabe — se na verdade se sabe alguma coisa.

A epoca proxima, portanto, se não veio, por isso, apresentar um caracter decisivo das probabilidades de vida do Teatro Português, veio, no entanto, dar-nos exatamente, a medida das condições directoras do sr. José Loureiro. O Teatro pode experimentar fortemente — mas não essencialmente — as consequencias da acção, por certo decisiva, do sr. José Loureiro; se, porem, ela falhar, se o emprezario não conseguir elevar-se á altura do papel que se atribuiu, nem por isso virá a ser licito concluir pela sua falencia. Felizmente que a vitalidade do Teatro não é função da consistencia financeira dos que interveem na sua vida, mais como elemento de mera cooperação material, do que como agentes de criação artistica.

Em todo o caso é forçoso reconhecer que o sr. José Loureiro, pelo menos durante uma epoca inteira, pode concorrer para fixar o diagnostico da crise e, por consequencia, abrir um caminho para a cura de um mal de longos anos, para o qual todos concorreram. Isto, que parece pouco, já é um magnifico serviço, uma demonstração cabal do interesse do sr. José Loureiro pelo Teatro Português, ainda mesmo que o não determine — e não cremos que seja assim — uma alta e nobre intenção artistica.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde — Rua do Comercio — LISBOA

Capital Realisado	*Reservas*
Escudos 50.000.000$0	Escudos [illegible]0.800.000$00

Filiais e Agencias no Continente: Aveiro—Barcelos—Beja—Braga—Bragança—Castelo Branco—Chaves—Covilhã—Coimbra—Evora—Elvas—Estremoz—Faro—Figueira da Foz—Guimarães—Guarda—Fundão—Lamego—Leiria—Olhão—Ovar—Portalegre—Portimão—Penafiel—Porto—Regua—Santarem—Setubal—Silves—Tomar—Torres Vedros—Vianna do Castelo—Vila Real de Santo Antonio—Vila Real de Traz-os-Montes e Vizeu.

MADEIRA — Funchal. ACORES — **Angra do Heroismo e Ponta Delgada. CABO VERDE — S. Vicente e S. Tiago. S. TOMÉ — Principe. GUINÉ — Bissau-Bolama.**

Correspondente e Agente Geral em Angola e Congo Belga—BANCO DE ANGOLA—com filial em Luanda e Agencias em Cabinda, Novo Redondo, Benguela, Vila Silva Porto, (Bié), Malange, Lobito, Mossamedes, Sá da Bandeira (Lubango), Kinshasha (Congo Belga).

Africa Oriental — Beira (Agencia), Banco da Beira—Lourenço Marques—Tete—Moçambique—Inhambane—Chinde—Quelimane—Ibo.
India—Bombaim—Mormugão—Nova Gôa.
China—Macau.
Timor—Dili.
Brasil—Rio de Janeiro—Pernambuco—S. Paulo—Pará—Manaus.
Inglaterra—Londres.
França—Paris.
Estados Unidos da America—Agencia em Nova-York.

Operações bancarias de toda a especie no Continente e Ilhas Adjacentes, Colonias, Brazil e restantes paises estrangeiros.
COFRES FORTES PARA ALUGAR

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO DE

BENGUELA

Capital—acções: Esc. (ouro) 13.500.000$
Capital—obrigações: Esc. (ouro) 16.414.000$

SÉDE EM LISBOA:

11, Largo do Quintela, 11

COMITÉ DE LONDRES:
Friars House, New Broad Street E. C. 2

Linha ferrea construida em exploração:
Desde o Lobito a Camacupa, Quilom. 702

Extensão total da linha ferrea do Lobito até à fronteira: Quilometro 1290

Distancia do Lobito á região mineira da Katanga, Quilometro 1800

VINHO DO PORTO REVINOR

COMPANHIA DOS DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
COM O CAPITAL DE 9.000:000$00 (OURO)

Direito exclusivo de pesquiza e extracção de diamantes na Provincia de Angola, por concessão do respectivo governo

SEDE SOCIAL:

Rua dos Fanqueiros, 12, 2.°

TELEGRAMAS: **DIAMANG**
Escriptorio em BRUXELAS, LONDRES e NOVA YORK

Presidente do Conselho de Administração
Banco Nacional Ultramarino

Presidente dos Grupos Estrangeiros
Mr. Jean Jadot

Administrador-Delegado **Ernesto de Vilhena**

Representação e Direcção Tecnica em Africa:

Representante	Director-Tecnico
Tenente-Coronel **Antonio B. de Mello**	**Mr. T. Diskinson**
Caixa Postal—Teleg.: DIAMANG	DONDO
LOANDA	**LUNDO**

COMPANHIA DE SEGUROS

A NACIONAL

SEDE NA SUA PROPRIEDADE

Avenida da Liberdade, 18—LISBOA

Sociedade Anónima de Respons. Limitada	Fundada em 17-4-1906
CAPITAL	RESERVAS
1:224 contos	8:652 contos

SEGUROS DE VIDA
E
SEGUROS CONTA INCENDIOS

COMPANHIA DE MOSSAMEDES

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
COM O
Capital realisado: 13.995.000$00
Autorisado: 20.000.000$00

Séde Social: RUA VICTOR CORDON, 12

TELEFONE — Central 71

COMITÉ DA DIRECÇÃO NO ESTRANGEIRO: 23, RUE LOUIS LE GRAND

SÉDE EM AFRICA: SÁ DA BANDEIRA CAIXA POSTAL N.° 40

Endereço telegrafico	
	MOSSAM — LISBOA
	MOSSAM — PARIS
	MOSSAM — SÁ DA BANDEIRA

COFRES DE CAPITALISAÇÃO

A **Companhia Geral de Credito Predial Português,** *a fim de vulgarisar ainda mais as suas Operações de Capitalização, distribue pequenos cofres metalicos pelas pessoas que fizerem um deposito inicial de importancia igual a do valor do cofre. Esta importancia é creditada em conta especial de capitalização e começa imediatamente a vencer juros.*

O titular da conta levará consigo o cofre para lhe introduzir as quantias que quizer. A chave fica em poder do **Crédito Predial,** *onde será aberto quando para esse fim fôr apresentado.*

As quantias nele encontradas serão creditadas naquela conta e igualmente vencerão juros, os quais serão acumulados todos os semestres. Quando o depositante não queira continuar com a conta, restituirá o cofre e, se este estiver em bom estado, receberá a importancia que inicialmente depositou. Os titulares das contas poderão escolher uma das seguintes modalidades:

B) *A conta é destinada a constituir, num praso fixado pelo depositante, mas nunca inferior a um ano, um capital indeterminado, não havendo levantamentos durante esse praso.*

C) *A conta é destinada a constituir, num praso indeterminado, superior a um ano, um capital fixado pelo depositante, mas nunca inferior a mil escudos, não havendo levantamento até á sua constituição.*

D) *A conta é destinada a pagar prestações ou a liberar Titulos de Capitalização (Mealheiro do Povo) ou de Rendimentos Vitalicios, conforme fôr indicado pelo depositante, não havendo levantamentos senão para o* **Credito Predial,** *fazer a transferencia das quantias necessarias ao pagamento das prestações ou da sua liberação.*

Qualquer levantamento, durante o periodo da constituição do capital, nas modalidades B e C, faz cessar a conta e perder o direito ao juro desde a ultima contagem, ou desde o inicio se ainda a não houve. O juro nestas modalidades será o das «Operações de Capitalisação», á ordem mais 2%.

Por esta forma, mesmo as pessoas mais imprevidentes, constituem, sem dar por isso, em qualquer parte, até com as pequenas moedas que facilmente perderiam ou gastariam inutilmente, um capital ou um rendimento certo.

OS COFRES DISTRIBUEM-SE

EM LISBOA	**NO PORTO**	**EM COIMBRA**
Rua Augusta, 235	P. Almeida Garrett, 35	R. Visconde da Luz, 100, 1.°

CASA AFRICANA

RUA AUGUSTA, 161
LISBOA
RUA 31 DE JANEIRO, 220
PORTO

ESTAÇÃO DE INVERNO

GRANDES EXPOSIÇÕES EM TODA A CASA E NAS NOSSAS VASTAS MONTRAS

Enorme sortido de novidades exclusivas da nossa casa entre as quais se destacam os mais chics e elegantes modelos de vestidos, manteaux, chapeus, etc., etc.

RETROZARIA, ROUPARIA, MODAS E CONFECÇÕES

TELEFONE C. 803 3338

EDUARDO MARTINS & C.ª L.da

1 A 11, RUA GARRETT
RUA NOVA DO ALMADA 103 A 115
LISBOA

EM SEVILHA

UM EXPOENTE DA ACTIVIDADE ECONOMICA NACIONAL

Em Portugal podem faltar capitais, pode faltar a justa e oportuna cooperação do Estado, pode faltar, emfim, aquele ambiente de carinho, que é sempre um estimulo valioso — o que, felismente, não faltam são as iniciativas, as manifestações de actividade, de progresso, de criação, que se agrupam nos indices dos valores nacionais como afirmações potentes de riqueza, de inteligencia criadora, de utilisação consciente das nossas aptidões especiais para a lucta economica, em que triunfamos graças apenas aos valores com que nos apresentamos.

Neste momento afirma-se na Exposição Ibero-Americana de Sevilha, o valor efectivo das nossas riquezas, representadas largamente no nosso Pavilhão.

Todas as nossas actividades, economicas e artisticas, afirmando umas um florescimento pujante e dominador, demonstrando outras um esforço ciclopico e tenaz, demonstram que, a final, somos um povo capaz de paralelisar aqueles que mais sedutoramente se impuzeram ao conceito e admiração dos povos.

Entre as mais belas e vigorosas afirmações do esforço artistico e economico, é forçoso destacar o da Companhia Industrial Portugueso, cujos *stand* de cristais e vidros de arte, é simplesmente uma maravilha, uma gloriosa demonstração de trabalho, inteligencia e tenacidade. Os vidros e cristais artisticos, expostos pela Companhia Industrial Portuguesa sairam das suas fabricas da Marinha Grande, onde hoje se produz como na Tchecoslovaquia, a quem pertencem as antigas e famosas fabricas da Bohemia.

O *stand* da Companhia Industrial Portuguesa é um verdadeiro deslumbramento — e pena é que as condições da nossa vida nacional não permitam espalhar para alem fronteiras, em condições menos onerosas, esse expoente maravilhoso da nossa actividade e da nossa riquesa industrial.

Se fosse possivel, neste caso, encontrar uma forma inteligente de protecção oficial, os nossos cristais artisticos — os cristais da Companhia Industrial Portuguesa — poderiam rivalisar em toda a parte — e, possivelmente bateI-os — com os famosos cristais da Bohemia.

Mas ha tanta ilusoria actividade a pedir a proteção do Estado — que o Estado não tem tempo de se preocupar com as actividades reais que, afinal, merecendo a sua cooperação a retribuiriam fartamente, honrando e dignificando o País.

LISBOA--SEVILHA--PARIS

Um livro de turismo para nacionais e estrangeiros

A Exposição de Sevilha, conquanto nada interesse directamente a Portugal, pode, se soubermos aproveitar inteligentemente esse ensejo, representar para nós um util momento de propaganda, não só das nossas riquesas, como, principalmente, do nosso valor historico.

Espera-se que passem em Lisboa, os turistas sul-americanos, que o grande certamen da capital da Andaluzia atrairá á Europa. Visitando-nos, devemos preparar-nos convenientemente, para que nos fiquem conhecendo bem, quando mais não seja, atravez dos monumentos da capital, todos eles ligados a um grande facto historico.

O Boletim do Governo Civil de Lisboa, *que Raimundo Alves dirije com toda a proficiencia, editou, com o fim de esclarecer convenientemente os turistas, um Livro de Turismo, intitulado* **Lisboa — Sevilha — Paris**, *que foi posto á venda recentemente.*

Este Livro de Turismo, numa elegante e moderna edição, alem de descrever rigorosamente as belezas monumentais e historicas da nossa capital, é um roteiro indispensavel aos visitantes de Sevilha e Paris, de que contem magnificas descrições e itenerarios, permitindo visitar completamente em poucos dias, as duas grandes e belas cidades.

LOGARES DE ENCANTAMENTO

A COSTA DO SOL

possue todas as condições para rivalisar com as mais belas estancias do mundo, sobrepujando algumas das melhores

Nem em Nice, nem em Biarritz, nem em Archachon, Napoles ou Catania, Cannes ou San Remo — as estancias privilegiadas da Europa — o sol é mais acariciador, o ar mais limpido, o mar mais azul e o ceu mais dôce de côr do que na «Costa do Sol».

Dir-se-ia um milagre da Natureza esta região onde a bondade dos elementos se juntaram, para que de todo o mundo viessem aqui peregrinos louvar os deuses pagãos do Repouso e do Prazer, entronizados neste presepio de verdura a quem se concedeu a graça de duas primaveras.

Sobre o fundo panoramico, teatral, da serra de Sintra, recortada nitidamente, das primeiras ondas pedregosas do Cacem ás penedias do Cabo da Roca, que mordem o Oceano, já aí bravio e revolto, a «Costa do Sol» — Cascais, Estoris, Parede — verdeja, refletindo no mar o seu toucador de pinheiros e as agrimpas das suas vilas mergulhadas em encaixes floridos de goivos, geranios, campainhas e heliotropios que lhe revestem muros e gradarias e bordam as tapeçarias dos jardins que as cercam, sem que os musgos, que crescem aos beijos humidos do ar, lhe maculem os telhados vermelhos e sem que as «pelouses» que se crestam ás ardencias do sol deixem de colorir-se daquele verde tenro de humidade, pelo mesmo milagre natural que faz com que no outono ou no inverno floresçam segunda vez as plantas e seguñda vez o ar se tempere e adoce.

* * *

Os Estoris, coração da «Costa do Sol», são como se disse um verdadeiro presepio. A Bethlem pagã da Serra, ao norte, faz-lhe o fundo. Depois, em declives macios, ora tufa a verdura dos pinheiros e eucaliptos, embalsamando o ar, ora se arredondam moitas floridas, ora os espeques das palmeiras se abrem em leques oscilantes.

O casario elegante, onde predomina a nota clara dos elementos arquitectuais portugueses, a cal, o azulejo, o alpendre, o nicho; a escadinha exterior. o beiral recurvo, a janela amainelada, a rotula verde, o lampião de ferro escuro; o balcão de canto, o canteiro, a arcaria, o alegrete; sorrindo de entre o tapete fogo da vegetação, salpicam de vermelho e branco o trono verde.

De inverno o vento e o frio escondem-se atraz da Serra que absorve a humidade e atrai as nuvens para o seu toucado preferido. A costa embebe-se de sol todo o dia e, aquecida para a noite, troca com o Oceano, em beijos profundos, o seu halito perfumado pela brisa fresca e salgada das aguas. Deste estreito amplexo de uma constancia admiravel — nunca houve um arrufo entre a Costa e o Mar — vem o clima privilegiado desta região, talvez unica no mundo, desafiando as pessoas elegantes do Mediterraneo que constituem a Riviera para um «match» que elas não tentam. O termometro e o barometro são incorruptiveis.

* * *

Toda a margem ribeirinha do Tejo, de Lisboa até á barra, vai preparando o turista para o espectaculo da «Costa do Sol», levando-o pela linha electrica que debrua em curvas os cómoros da banda norte do rio, seguindo por aí fora quasi sempre á vista das aguas cortadas de velas brancas e ruivas e do risco espumante da rota dos paquetes.

Pequenos nucleos povoados sucedem-se á direita. Ligam-nos jardins, hortas e terras de cultura em rapidas soluções de continuidade. todas recortadas, sorrindo para o rio ou para o oceano, cujo scenario, cem vezes por dia transmudado no aspecto e na côr, tem sempre por fundo, até Paço de Arcos a linha dos outeiros da outra banda ou as restingas de areias da Trafaria.

CASCAIS: UM ASPECTO DA BAHIA

A Torre de Belem, enfarruscada entre os depositos do gaz, entristece mais do que consola a vista, mas deixando Bom Sucesso e Pedrouços onde ainda domina o aspecto da orla cidadã, o mar mais perto da linha lava-nos o espirito de impressões tristes. O horisonte cresce, alastra até ás areias da restinga da Trafaria e do lado da terra o ar bucolico entra a predominar.

* * *

Depois da Alameda e do Jardim de Algés, espalmados sob muros altos, de topos floridos, onde se erguem antigas residencias de verão, segue-se a linha de vilas e chalets, á beira do rio, do Dafundo á Cruz Quebrada, mais pitoresca esta com os seus longes idilicos e o riozinho que vai até á verdejante Carnaxide.

Dois outeiros, a Boa Viagem e a Gibalta, enfiam-se depois. O comboio continua á margem encurvando-se a linha sobre a esquerda e permitindo que rodeando os olhos se lobrigue a Torre de Belem parecendo querer avançar e ligar-se á Banda de Alem. O Tejo cresce e dilata-se. Cascais, com o velho Paço Real esmaltado de azulejos nas fachadas amarelas e o seu forte de São Bruno, guardando lá para o interior o convento da Cartuxa, passa rapidamente.

O comboio sereno e calmo, lançando o seu grito de aviso, interna-se pela terra e subindo entre quintas e trincheiras enredadas de flores chega a Paço de Arcos, antiga praia de luxo da Ribeira Tejo. Ha, a seguir uma zona de pedreiras, depois terras secas que passam depressa. Os olhos começam a estar de novo anciosos do mar.

A serra de Sintra descarna-se ao norte, e é com intenso prazer que grita, sem se vêr a passagem do rio para o oceano, á agua que de novo aparece em Carcavelos — a estancia maritima quasi ingleza pela população.

* * *

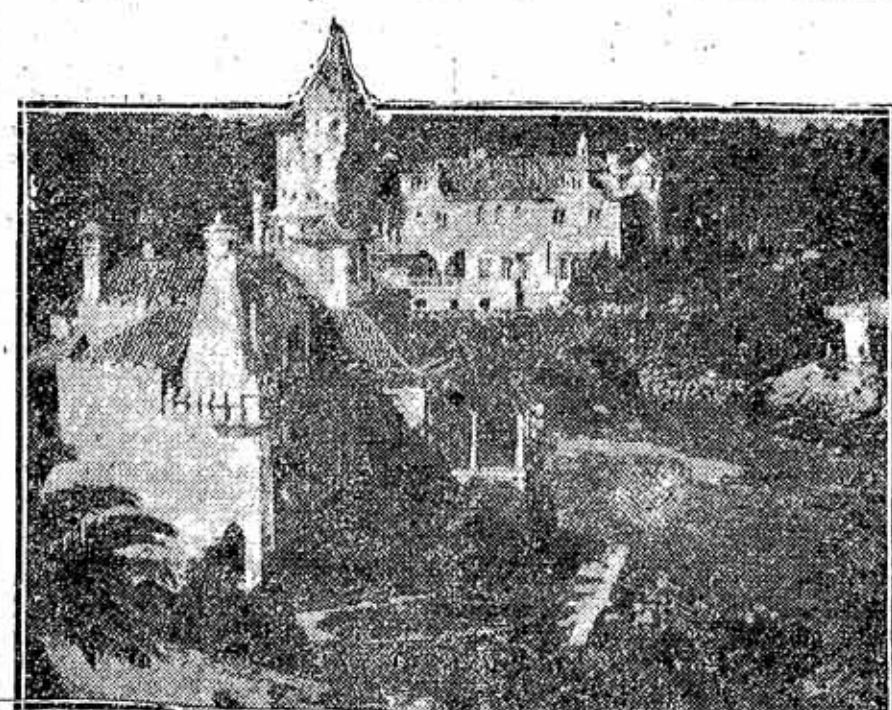
De quando em quando, restos dos velhos fortes seiscentistas da costa, alguns aproveitados para habitação; á direita começam a surgir os pinheirais. Os jardins são mais frequentes.

S. João do Estoril tem já outro ar, outra distinção. Os seus parques pequeninos, tem um alinho diferente. A civilisação cosmopolita pressente-se ali perto, a dois passos. E' a «Costa do Sol» que começa, recortada de rochas e bordada de areias finas, umas alternando com as outras. Quando aos olhos se depara Santo Antonio tem-se um deslumbramento. Para lá do palacete acastelado firmado á entrada, em penedias, curva-se a baía de Cascais, a enseada azul que abraça as aguas até ao Farol de Santa Maria.

Para a direita abre-se como na mansão urbana de Tivoli o parque do Estoril, tapizado de flores em talhões de variado recorte, com uma entrada monumental a que seguem dois corpos recurvados onde sob colunatas se abrigam os mais luxuosos e variados estabelecimentos.

Ao fundo, o palacio do Casino, ainda por acabar, mais com o aspecto de pitoresca ruina classica do que de obra incompleta, remata o prospecto e á esquerda o Grande Hotel e o Estabelecimento Termal alinham-se elegante e imponentemente. Um ar europeu, internacional, um ar de grande vida moderna patina tudo isto. E' qualquer coisa de grande e de belo.

* * *

A linha segue. Dois minutos depois é o Monte Estoril, trono verde onde Santo Antonio, para o ser melhor, quiz ficar cá em baixo na sua igreja e no seu convento, que são um pormenor encantador de singeleza e de frescura no meio do luxo das construções que salpicam todo o arvoredo.

ESTORIL-PLAGE

O Monte, recortado de largas ruas sombreadas, onde os tamarizes e as palmeiras se erguem, ladeando-as, desce em ondas até á linha, como se os tufos de verdura viessem a desmoronar-se sobre o comboio.

O Pavilhão «Tamariz», á beira-mar, dentro de uma alameda refrescante que é um admiravel «balvederas», já nos fica para traz. Agora são outros palacetes vestidos de trepadeiras, que surgem a cada segundo, á direita a mancha mais escura do Parque da Duqueza e depois a fidalga Cascais, que a nobresa preferiu um dia, mas que hoje, aliada aos Estoris, os prolonga até á sua cidadela realenga, aos seus parques e á sua estrada costeira com que se alcança a Boca do Inferno, o Pinhal da Marinha, o Cabo Raso e a Praia do Guincho, todo num filme panoramico da maior intensidade de côr e da mais reconfortante beleza.

* * *

A linha de Cascais, corrente de ouro, esmaltada a verde e azul, ligando Lisboa á «Costa do Sol», põe a capital em pouco mais de meia hora em contacto com a civilisação cosmopolita das grandes estancias internacionais.

Começa a fumar-se um charuto numa cidade regional, tipica, agarrada á tradição, que não se maquilha para alterar o seu «gaces» proprio; quando a ultima fumaça se expeliu, num enlevo constante dos olhos atraidos constantemente ora para a terra, ora para o mar, encontramo-nos em plena civilisação europeia, a ter de tirar o sobretudo em pleno inverno e a ter de ensaiar todas as linguas que se falam nos casinos, nos hoteis e nas áleas dos parques e das «Promenades».

De Lisboa á Europa são apenas trinta e seis minutos.

Este é o milagre da «Costa do Sol».

* * *

A região do prazer e do repouso, a «Costa do Sol» é ainda uma estancia termal. O seu estabelecimento balnear, junto ao Parque do Estoril, de elegantissima e sobria arquitectura, provido de todos os confortos, porporciona aos depauperados pela insalubridade dos paises doentios aos artriticos, aos gotosos, aos debeis, a linfaticos, em geral, um tratamento proficuo.

São modelares as suas instalações. A série de tratamentos pela mecanica, pela agua, pelos banhos de luz e de calor, pela electricidade e pela maçagem, completa-se com um serviço clinico perfeito.

Uma grandiosa piscina romana — a melhor talvez da Europa — abre-se em comunicação com as galerias das «cabines», com o «Hall» imponente, que, por seu turno, está em comunicação com o novo hotel agora instalado no edificio termal.

* * *

Ás belezas naturais de toda a Costa, das penedias da Boca do Inferno aos bucolismos de Santo Antonio, e da areia dourada das praias aos pinhais da Marinha e do Parque, era mister adicionarem-se outros atractivos.

Foi esse pensamento justo e inteligente que animou os iniciadores da modernisação e da europeização — digamos assim — dos Estoris e Cascais. Os efeitos naturais não bastam. O conforto, a comodidade, a distração, tudo o que vem do artificio e do engenhoso, da fantasia do espirito humano, sempre insaciavel e insatisfeito, tinham que juntar-se á formosura selvatica das rochas e á paisagem idilica dos pinhais, completando, com a adaptação ás exigencias da vida, o maravilhoso clima, a temperatura invejavel, a limpidez e a pureza do ar desta região tão favorecida de dons naturais.

O «Fervet opus» começou. Abriram-se caboucos, lançaram-se alicerces, ergueu-se, construiu-se, desbravaram-se e plantaram-se terrenos bravios, e, a breve trecho, o lisboeta bonacheirão e rotineiro poude vêr o Parque do Estoril convertido em realidade e o Casino Monumental, o Hotel e o grandioso edificio termal em via de conclusão, melhorando-se outros hoteis, abrindo-se e pavimentando-se á moderna novas ruas e alamedas, electrificada a linha e erguidas novas estações, elegantes e artisticas, animado um Casino, essencial atractivo para a vida moderna; montado o novo «Pavilhão Tamariz», que é um admiravel mirante sobre o oceano, e abertos nos terrenos do Parque campos de «golf», de «tennis» e de corridas de cavalos, tiro aos pombos e quantas distrações desportivas e elegantes são necessarias para categorisar e tornar interessante um centro de turismo.

* * *

O campo de «golf», inaugurado ha pouco, um dos melhores do seu genero, foi uma das grandes realizações dos Estoris. Para os ingleses — «golf» é um motivo essencial. Sem «golf» não ha «séjours» possiveis. Situado num ponto admiravel do Parque, entre pinheiros, subindo e descendo os cómoros pitorescos, oferece, como nenhum outro, aos jogadores uma variação constante de panoramas, que completam com o enlevo dos olhos o repouso do corpo na condução e perseguição da pequenina bola tentadora que rola sobre as «pelouses» verdejantes, sempre refrescadas por um curioso engenho de regas, que os leva a competir com as pradarias humidas da nevoenta Inglaterra.

O «Pavilhão Tamariz» tambem ha pouco inaugurado, numa situação excepcional sobre a baía, é outro melhoramento consideravel. Tamarizes e palmeiras, bordando e ensombrando a alameda que fica á margem da linha permitem que, abrigadas do sol, as elegantes de Cascais e dos Estoris possam dali gosar o espectaculo, sempre novo, dos banhos e o quadro sempre buliçoso e enternecedor, das crianças brincando na praia, e á noite, saborear a serenidade do oceano, picado das luzes da costa e dos barcos, molhando as bocas em gelados e humedecendo os olhos na inocencia consentida dos *flirts*.

O Casino, lá no alto, no coração da «Costa do Sol», é o prazo dado da roda distinta que se diverte. Da Sala do Jogo, decorada artisticamente com um grande sentido moderno, ao Salão das Festas e concertos; restaurante, no terraço, á varanda contemplativa, que enfrenta a praia e o mar, a vida elegante fragmenta-se em distrações, dando ao espirito a caricia da musica, a vibração do jogo, o entretenimento da conversa, o fremito leve do «flirt» ou o repouso da conversação.

* * *

Todos os meios modernos de chamar a atenção para este prodigioso esforço da inteligencia da «Sociedade da Costa do Sol» têm sido postos em pratica, de forma que a propaganda corresponda á obra notavel de credito elaborada por esse activo e civilisado organismo.

Por todo o País e pelo estrangeiro penetra intensamente essa propaganda, em placares, brochuras, fotografias, prospectos, publicações de toda a especie. A Costa do Sol é um cartaz admiravel, que é bom que se exponha cá e lá fóra, em todas as gares, em todos os hoteis e em todos os cunhais.

Essa expansão tem-na feito, como ninguem, como nunca se fez entre nós, esta Sociedade. Dezenas e dezenas de milhar de brochuras artisticas, elegantemente redigidas, viajam a esta hora pelos «bureaux» de turismo e pelas salas dos «Palaces», oferecendo aos olhos curiosos dos viajantes uma série de tentações que poucos recantos do mundo poderão prometer.

O resultado benefico desta obra de divulgação há de chegar e não estará longe a sua vinda. Dentro do proprio País já se nota uma curiosidade maior, e Lisboa começa a ser uma das frequentadoras da Costa do Sol, atraida pelos sucessivos «divertiments» que essa região de escolha lhe proporciona com uma diversidade e um pitoresco raros.

A «Sociedade da Costa do Sol» cumpre inteiramente o seu programa, de cuja vastidão são dignas as belezas naturais que distinguem toda a enseada deslumbrante que o Oceano cava desde S. Julião ao Farol de Santa Maria.

E, quando um dia este rincão florido se ligar a Sintra por uma linha electrica, ter-se-hão achado os limites verdadeiros deste Paraiso Internacional, onde o mar e a serra se combinaram para uma das mais admiraveis realisações do Turismo.

* * *

A «Costa do Sol», a «Enseada Azul», a «Riviera Portuguesa» — três nomes que ainda não chegam para o explendido «afiche» exposto neste cunhal da nossa terra — é o melhor sorriso que temos para tentar os turistas, sorriso de espirito mundano que agrada infalivelmente, pela finura e pela graça com que promete repouso, paz, bem estar, a todas as almas errantes que corram o mundo, insatisfeitas, em busca de qualquer coisa de inedito, de pacificante e de belo.

CINEMA

O Cinema é, para nós, um dos mais ricos agentes pedagógicos que se oferece ao espírito humano. Se como expressão de arte é grande, como factor educativo pode ser enorme.

Estamos convencidos que no dia em que o cinema, em que os seus animadores queiram servir-se dêle para realizar obra social, aperfeiçoando o homem — podem-no fazer da fórma mais ampla e eficaz.

E' que o cinema pode focar com admiravel soma de verdade, a exacta missão do homem na Vida, o seu papel na existencia terrena: pois só a ele é dado mostrar o sêr humano, fazê-lo mexer, mover, adentro do seu quadro real — a Natureza.

Este é o grande segredo do cinema, o grande filão da arte cinematografica.

O homem fóra da Natureza é uma abstracção. Agitá-lo, pois, adentro do seu meio, representar-lhe a vida com tudo o que o rodeia: a vida intuitiva das plantas, a vida instintiva dos animais — eu sei! — todas as manifestações vitais de que é palco o nosso planeta, é obra facil e privilegiada do cinema.

O homem para poder gozar das suas propriedades e delas se contentar precisa conhecer a vida de tudo o que existe, «ver» as relações e diferenças que há entre ele e os outros sêres, ver, em suma, o seu papel no xadrez do Universo, dentro da lei física e moral.

Só o cinema lho pode mostrar — pintando os quadros formidáveis e sugestivos da Natureza com todos os seus elementos e seres. A' retina humana fixa (a vista é o melhor meio de transmitir sensações) para o coração registar e a cérebro gravar as impressões desejadas.

Em conclusão, é um Mestre, um mestre que poderá dar sábias e fecundas lições, lições que não só traduzem o ritmo da vida com tudo o que ela tem de imprevisto, de estranho e de fantástico — mas que a elevem e estilizem duma maneira tão bela e flagrante que se imponha ao nosso sentimento e ao nosso pensamento.

S. Dias